

AS INTERAÇÕES SOCIAIS ENTRE HOMENS DENTRO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS DE FUTEBOL

Jessika Karine Biscouto¹

Isis Barbosa Vidal²

Bianca Beatriz Pereira³

Camila Muhl⁴

RESUMO

Pela tradição brasileira, o futebol se tornou um espaço privilegiado para a sociabilidade masculina, tanto dentro de campo, como também fora, nas arquibancadas dos estádios. O objetivo deste trabalho é desvendar essa relação masculinidade-futebol, investigando como se dão as interações sociais entre os homens dentro das torcidas organizadas. A pesquisa de campo se caracterizou como qualitativa, de método fenomenológico, onde foram entrevistados seis homens torcedores organizados de clubes da cidade de Curitiba-PR sobre sua experiência vivida. Os dados coletados permitiram compreender as unidades de significado dessa vivência: os processos de socialização pelo futebol, o curso de filiação na torcida, as atividades desenvolvidas, as relações com os outros torcedores organizados, os dirigentes da torcida e os dirigentes do time, o sentimento de pertencimento e a presença da torcida organizada no cotidiano. Esse estudo permitiu entender os impactos, tanto no nível individual quanto nas relações, de fazer parte de um agrupamento que possui valores específicos em relação à masculinidade.

Palavras-chave: Futebol. Torcida Organizada. Masculinidade. Interação Social

¹ Aluna do 4º período do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. Bolsista do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2020-2021). *E-mail:* jessika.biscouto@mail.fae.edu

² Aluna do 10º período do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. Voluntária do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2020-2021). *E-mail:* isis.barbosa@mail.fae.edu

³ Aluna do 4º período do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. *E-mail:* bianca.beatriz@mail.fae.edu

⁴ Orientadora da Pesquisa. Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná. Professora da FAE Centro Universitário. *E-mail:* camila.muhl@fae.edu

INTRODUÇÃO

Existe uma velha expressão muito conhecida que diz “futebol é coisa de homem”, mas que homens são esses que fazem o futebol? Em especial, não aqueles que estão dentro de campo, mas os homens que lotam as arquibancadas dos estádios para torcer. Como eles se organizam e interagem? Torcer é, segundo o Estatuto do Torcedor, apreciar, apoiar ou se associar a qualquer entidade de prática desportiva e acompanhar a prática de determinada modalidade esportiva (BRASIL, 2003). E no âmbito deste estudo privilegiamos os torcedores que o fazem de maneira organizada, ou seja, aqueles que estão associados a uma Torcida Organizada (TO).

Não existe um perfil característico dos integrantes de torcidas organizadas, segundo Cavalcanti et al. (2013), sendo que indivíduos de todas as classes sociais, raças, gêneros podem integrar esses grupos. O diferencial desse torcedor organizado para os demais torcedores, é que no grupo ele não faz mais parte de um espetáculo que acontece dentro das quatro linhas, o torcedor organizado é o espetáculo (PIMENTA, 2000).

Além disso, segundo Pimenta (2000, p. 125), é entre seus pares que o torcedor “expressa sua masculinidade, seus sentimentos de solidariedade, de companheirismo e de pertencimento em um grupo que o acolhe”.

Portanto, a participação em uma torcida de clube de futebol representa um sentimento de pertencimento social importante para os homens que ali se engajam.

Segundo Gastaldo (2003) tal pertencimento traz consigo especificidades, como designar uma lealdade por toda a vida do torcedor para com o seu clube (e a torcida), bem como um “pertencimento afetivo a um grupo, a um sentimento coletivo compartilhado, no caso, mediado pelo ‘time do coração’” (GASTALDO, 2003, p. 3). Sendo assim, continua o autor, o futebol é um local que possibilita interação social e um universo simbólico específico, onde outros assuntos relacionados às questões sociais, profissionais, legais ou familiares, são deixados de lado. O foco de interação está relacionado exclusivamente ao futebol.

A presente pesquisa buscou, portanto, a partir de um estudo de caráter qualitativo e fenomenológico, compreender as interações sociais de torcedores masculinos nas TOs. Para alcançar essa finalidade foram realizadas 6 entrevistas com torcedores organizados da cidade de Curitiba-PR, pertencentes às seguintes agremiações: Império Alverde (Coritiba Foot Ball Club), Fanáticos do Athletico Paranaense e Fúria Independente (Paraná Clube). Os resultados obtidos foram analisados a partir do Método Fenomenológico de Investigação de Psicologia, dos autores Giorgi e Sousa (2010), e separados nas seguintes unidades de significado: os processos de socialização pelo futebol, o curso de filiação na

torcida, as atividades desenvolvidas, as relações com os outros torcedores organizados, os dirigentes da torcida e os dirigentes do time, o sentimento de pertencimento e a presença da torcida organizada no cotidiano

1 OS HOMENS E O FUTEBOL NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Antes de iniciar a discussão que levará a compreensão sobre as particularidades que envolvem os integrantes de uma torcida organizada e como estes constroem suas interações sociais quando inseridos desde muito jovem nestes ambientes, é preciso mobilizar alguns conceitos que facilitarão o entendimento sobre a sociedade e como a identidade do brasileiro se relaciona ao futebol. Começaremos com o conceito de sociedade conforme a proposição do sociólogo Norbert Elias:

A sociedade, como sabemos, somos todos nós; é uma porção de pessoas juntas. Mas uma porção de pessoas juntas na Índia e na China formam um tipo de sociedade diferente da encontrada na América ou na Grã-Bretanha; a sociedade composta por muitas pessoas individuais na Europa do século XII era diferente da encontrada nos séculos XVI e XX. E, embora todas essas sociedades certamente tenham consistido e consistam em nada além de muitos indivíduos, é claro que a mudança de uma forma de vida em comum para outra não foi planejada por nenhum desses indivíduos (ELIAS, 1994, p. 12).

As sociedades têm seus costumes e estruturas próprias, além do mais elas são necessárias para que os sujeitos possam se desenvolver fisicamente e psicologicamente. Elias (1994), diz que um sujeito necessita de outros sujeitos para finalizar o seu desenvolvimento e se tornar um adulto completo. Sem a interação com outros seres humanos, o sujeito poderia até envelhecer, porém não seria capaz de desenvolver características que são próprias do ser humano.

Tendo em vista que sociedades diferentes têm características distintas e que a sociedade acaba por enredar os sujeitos em práticas e comportamentos específicos, podemos compreender como ocorre o processo que cria uma identidade brasileira ligada ao futebol. O futebol, além do seu caráter de símbolo da identidade nacional brasileira, também reproduz as relações sociais existentes em nosso país, as hierarquias, as desigualdades, as crenças, as ideologias, as disputas políticas, os aspectos econômicos, entre outros, se tornando um lócus importante de sociabilidade e construção da subjetividade (TOLEDO, 1993; MURAD, 2013).

O esporte faz parte da sociedade, tanto quanto a sociedade também faz parte do esporte. Impossível compreender-se uma atividade (ou um plano de atividades), sem

referência à totalidade na qual está inserida. [...] a sociedade se revela tanto pelo trabalho quanto pelo esporte, religião, rituais e política. Cada uma dessas esferas é uma espécie de filtro ou de operador, através do qual a ordem social se faz e refaz, inverte-se e reafirma-se, num jogo básico para a sua própria percepção enquanto uma totalidade significativa (DAMATTA, 1982, p. 23 e 24).

Damatta (1982) defende o futebol como representação reduzida da sociedade brasileira, onde ocorre uma dramatização de nossas experiências sociais, assim, o brasileiro se reconhece no futebol, reconhece o futebol como algo seu:

A importância dessa identidade aparece claramente quando levamos em conta o espaço que o futebol ocupa na sociedade brasileira. Em primeiro lugar, ele é um tema preferencial de conversa entre conhecidos, ou mesmo entre estranhos num contato casual. O interesse por ele é tão grande e disseminado, que as possibilidades de encontrar um interlocutor que não goste do assunto são muito reduzidas. Através dele se podem revelar afinidades ou discordâncias. Nem mesmo as distâncias sociais afetam a unanimidade que existe em torno do tema (DAMATTA, 1982, p. 78).

Diante da importância do futebol para a sociedade brasileira e destas afinidades e discordâncias que surgem nesse contexto, é que torcer se torna uma atividade tão importante quanto jogar futebol. As torcidas organizadas surgiram em 1939 no Brasil, estas seriam denominadas como a primeira geração de torcidas organizadas, também conhecidas como torcidas uniformizadas – carnavaalizadas – geração que vai até 1969. Neste primeiro momento, as torcidas organizadas ganharam uma grande simpatia dos outros torcedores e até da mídia, pois tinham como foco promover festas nos dias de jogos e utilizar discursos de paz (SOUZA, 2020).

A segunda geração (1969-1990) busca formalizar as torcidas organizadas, sendo assim denominadas como “burocratizadas”. Esta rompe com a primeira geração ao trazer uma organização formal para o grupo de torcedores, criando-se aqui um corpo responsável pela organização da torcida com presidente, vice-presidente, diretores, tesoureiros e associados ou componentes. Essa burocratização, que traz ao grupo uma identidade e por conseguinte o sentimento de pertencimento, é a principal diferença entre as torcidas de primeira e segunda geração, porém mostra-se importante ressaltar que as características carnavalescas da primeira geração foram mantidas (SOUZA, 2020).

Entre 1990-2000, encontra-se a terceira geração de torcidas organizadas que se apresentam mais midiáticas e “espetacularizadas”, uma vez que as torcidas ganham muita notoriedade na mídia e crescem de maneira exponencial. Nesta geração o clima é, majoritariamente, o de competição. Os conflitos são frequentes entre os torcedores e dirigentes dos clubes e estendem-se para a rivalidade com as torcidas de outros times.

Os grupos de torcedores organizados passam a ser reconhecidos pelas performances realizadas nos estádios, porém também adquirem um papel de vilões dentro do mundo do futebol diante dos casos de violência e brigas generalizadas (SOUZA, 2020).

A quarta geração é marcada pela busca de alianças como estratégia de resistência, e por buscar novas formas de gerar recursos financeiros, para atender às novas demandas. A fama violenta das torcidas repercutia e isso forçou as torcidas a criarem novas estratégias como buscar parceiros em TOs de outras cidades: “Ao receber um grupo de outra cidade, no aeroporto ou na rodoviária, a torcida ‘nativa’ possibilitava aos ‘estrangeiros’ uma relação de confiança e companheirismo, possivelmente retribuída quando os papéis fossem invertidos”. (SOUZA, 2020, p. 210). Outra marca desta geração é o sistema de controle dos associados e o crescimento numérico de mulheres. Nos maiores grupos organizados, é possível encontrar uma diversidade grande de produtos da torcida direcionado às mulheres. Os laços criados entre torcidas de diferentes cidades, as redes sociais e lojas virtuais, colaboram em muito para a arrecadação financeira e o crescimento destes grupos são as características atuais das TOs (SOUZA, 2020).

As torcidas organizadas passaram por fases significativas onde cada geração é marcada por uma característica. Segundo Souza (2020), as torcidas organizadas encontram-se em uma fase em que a espetacularização realizada por estas, busca na diversidade dos seus membros, um caminho para romper com o padrão de torcedor apontado até então como majoritariamente masculino. A presença massiva de homens nas torcidas organizadas num primeiro momento e depois a entrada pontual de mulheres nesses espaços nos faz refletir sobre as dinâmicas de gênero ali presentes. Para Connell e Messerschmidt (2013), o gênero é sempre relacional, e só podemos compreender os padrões de masculinidade desde a sua definição social em oposição a algum modelo da feminilidade, real ou imaginário.

Olhar para o universo do futebol e observar padrões de comportamento masculino entre jogadores e torcedores que exaltam os homens com atitudes referentes ao “macho”, no sentido de forte, insensível e competitivo ao mesmo tempo que rejeitam comportamentos que diferem disso, que sejam considerados do mundo feminino, como sensibilidade e cuidado, nos atizam a curiosidade de compreender como aqueles comportamentos são formados e reproduzidos, por isso, nos dedicamos a investigar a interação entre os homens nas torcidas organizadas de futebol. Salientamos ainda que este será um estudo fenomenológico que se centrará no desvelamento das experiências vividas e na sua descrição pormenorizada.

2 MÉTODO

A presente pesquisa se caracteriza como um estudo qualitativo que, segundo Minayo (2008), responde a questões muito particulares por trabalhar com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Dentro das abordagens qualitativas, o método fenomenológico busca a descrição das experiências vividas pelos sujeitos pesquisados sobre um determinado fenômeno, desse modo, é um método privilegiado para o estudo das vivências e dos seus significados (ANDRADE; HOLANDA, 2010). Acionamos a fenomenologia, pois nesse estudo, buscamos justamente investigar a experiência vivida pelos torcedores organizados de futebol.

Os participantes da pesquisa foram selecionados através de amostra não probabilística por conveniência ou acessibilidade (GIL, 2008), que foram convidados para responder a uma entrevista. A situação atual de pandemia do COVID-19 não nos permitiu fazer as entrevistas de forma presencial, sendo assim, utilizamos o sistema do *Google Meet* para realizar o procedimento. As entrevistas tiveram duração média de 30 minutos.

A entrevista, segundo Minayo (2008), é uma forma privilegiada de obter informações, já que o seu processo de interação social está sujeito à mesma dinâmica das relações existentes na própria sociedade. Optamos por uma entrevista não diretiva onde o entrevistado foi convidado a falar livremente sobre o assunto para assim obter uma visão geral do tema. Como pergunta disparadora para os participantes usamos a seguinte questão: “Como é a sua experiência de participar de uma torcida organizada de futebol?”. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para análise.

A análise dos dados foi realizada com base no método proposto por Giorgi e Sousa (2010) denominado Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia. Tal método se divide em quatro etapas. A primeira consistia em estabelecer o sentido do todo. Neste momento, foi feita a leitura de todo o material transcrito de forma que fosse possível colocar em prática a atitude denominada redução fenomenológica. Esta atitude busca despir-se de conceitos prévios, assim como de interpretações. O objetivo desta etapa foi “obter um sentido da experiência na sua globalidade” (GIORGI; SOUSA, 2010, p. 86).

A segunda etapa teve como objetivo dividir as unidades de significado, retomando a leitura do material e fracionando-a em partes de acordo com os sentidos encontrados, objetivando a identificação das unidades de significado. Este é um processo descritivo, de identificação dos significados existentes em cada unidade selecionada. O passo seguinte, ainda nesta etapa, consistia na utilização da redução fenomenológica para a compreensão dos significados enquanto fenômenos descolados do modo como foram apresentados (GIORGI; SOUSA, 2010).

A terceira etapa, denomina-se como a transformação das unidades de significado em expressões de caráter psicológico. Buscou-se compreender os sentidos psicológicos presentes no material analisado através da atitude fenomenológica e de uma leitura eidética, que serviu como base para que fosse possível investigar a essência destas significações contidas nos relatos dos sujeitos (GIORGI; SOUSA, 2010).

A última etapa consistia na determinação da estrutura geral de significados psicológicos, em que estas unidades foram transformadas em uma estrutura descritiva geral através de um processo de sintetização. Objetivou-se identificar e articular a relação existente entre as unidades de significado psicológico e compreender esta interdependência (GIORGI; SOUSA, 2010).

Constam, na TAB. 1, as informações coletadas a respeito dos entrevistados. Foram entrevistados ao total seis torcedores organizados de clubes situados na cidade de Curitiba (Athletico Paranaense, Curitiba *Foot Ball Club* e Paraná Clube). Os nomes são fictícios e foram escolhidos em referência a célebres jogadores de clubes dos quais os torcedores participam da torcida organizada.

TABELA 1 – Relação de entrevistados

	Idade	Estado civil	Renda	Torcida	Tempo de participação na TO
Alex	26 anos	Solteiro	Entre 3 e 5 mil reais	Império Alviverde	10 anos
Sicupira	38 anos	Casado	Acima de 5 mil reais	Fanáticos do Athletico Paranaense	24 anos
Cleber	25 anos	Solteiro	Entre 3 e 5 mil reais	Império Alviverde	7 anos
Reinaldo	33 anos	Solteiro	Entre 3 e 5 mil reais	Império Alviverde	16 anos
Dirceu	43 anos	Solteiro	Entre 3 e 5 mil reais	Império Alviverde	30 anos
Saulo	37 anos	Casado	Entre 3 e 5 mil reais	Fúria Independente	25 anos

FONTE: As autoras (2021)

Salientamos ainda que todos os preceitos éticos foram seguidos durante essa investigação, como a coleta do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos entrevistados e que a pesquisa foi aprovada em Comitê de Ética sob o parecer nº : 4.526.801 (CAAE 40295420.1.0000.5514).

3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A primeira unidade de significado que descreveremos é o **processo de socialização** em que os homens são envolvidos pelo futebol, tanto no sentido da prática do esporte como também no ato de torcer. Ao iniciar, destaca-se a existência de um *continuum* do incentivo dado aos meninos para se envolverem com esportes e realizarem interações sociais que seguirão depois de adultos dentro das torcidas organizadas. Vejamos os trechos das entrevistas em que os integrantes de torcidas organizadas relataram sobre o fato de que o futebol esteve presente em suas vidas desde muito cedo:

“E eu sempre joguei bola, desde os meus sete anos. E uma das escolinhas, das primeiras que eu participei, foi a escolinha do Coxa [Coritiba] e lá tive bastante amigos que iam para o estádio, que iam para o jogo e tudo mais.” (Alex, 26 anos, Império Alverde)

“Então, acho que não diferente da grande maioria assim, desde pequeno eu fui ao estádio algumas vezes, e então estive morando fora algum tempo, dos 4 aos 10 anos eu morei fora do país, e quando a gente voltou para o Brasil, eu retomei a ida aos estádios.” (Reinaldo, 33 anos, Império Alverde)

“[...] era criança pré-adolescente, comecei a ir aos estádios e ver a torcida.” (Saulo, 37 anos, Fúria Independente)

Nestes comentários é possível notar que esses torcedores frequentam o ambiente futebolístico desde pequenos. No Brasil, gostar de futebol é um hábito social, sendo especialmente incentivado entre os meninos, desde muito cedo, em que são ensinados que gostar deste esporte é necessário caso você queria ser considerado “normal e sadio” (LOURO, 1997, p. 75). Isso pode ser explicado em parte, porque a participação em jogos e competições é um traço característico do que se espera do gênero masculino nas mais diversas culturas, não por isso ser uma essência universal ou uma característica biológica, mas sim porque a competição é frequentemente enfatizada na formação masculina. Desde a escola, os meninos são incentivados a se desafiarem e aprendem que tornar-se um adulto bem-sucedido implica vencer, ser o melhor em algo. O mesmo processo não acontece com as meninas, já que não há identificação entre feminilidade e competitividade (LOURO, 2000; GASTALDO, 2005).

Como afirma Louro (2018), gostar de futebol é um interesse masculino obrigatório no Brasil, isso faz com que os homens mais velhos levem os meninos aos estádios para lhes apresentar essa atividade e compartilhar essa experiência.

“E eu levo meu filho junto [no estádio]. Então, ou seja, eu já levo ele desde muito pequenininho. Com oito anos ele já começou a gostar de verdade.” (Sicupira, 38 anos, Fanáticos)

“Então, desde criança eu frequento estádio, o Couto Pereira, através do meu pai. Meu pai que me apresentou o time e tudo mais. E a torcida eu sempre gostei.”
(Cleber, 25 anos, Império Aliverde)

Ser incentivado a gostar de futebol por outros homens é algo comum entre os entrevistados. No comentário do Sicupira, é possível perceber que ele leva o filho dele desde pequeno ao estádio, porém este passou a gostar mesmo de futebol quando completou 8 anos. Isso ilustra o que Louro (1997) fala sobre a educação para os meninos através do esporte, onde estes são incentivados a competir e ganhar, sendo essa uma excelente oportunidade de demonstrar a competitividade para essas crianças como um símbolo de masculinidade que é muito valorizado.

Além desse processo de socialização que envolve os meninos e os esportes, ocorre também a socialização do brasileiro pelo futebol, haja vista que essa é uma prática muito importante para a sociedade brasileira diante dos grandes êxitos já conquistados nesse esporte por equipes brasileiras, como as cinco conquistas da Copa do Mundo pela seleção masculina. Gostar de futebol e ser brasileiro são características que aparecem entrelaçadas:

“E a questão do time, do futebol, dessa coisa aí, desse esporte que todo brasileiro é apaixonado e parece que já nasce gostando.” (Alex, 26 anos, Império Aliverde)

“Então assim, queira ou não, todos os times grandes têm a organizada maior e tem um peso no clube. Isso é uma cultura brasileira né?” (Dirceu, 43 anos, Império Aliverde)

Analisando os comentários, torna-se possível compreender que os entrevistados atribuem a paixão pelo futebol como algo próprio da cultura brasileira. Amar o futebol vem, por vezes, até antes da escolha de um time para torcer. O futebol está presente em diversos lugares, sejam ambientes formais ou informais e falar sobre futebol é algo do cotidiano do brasileiro, seja com conhecidos ou desconhecidos. Raras são as pessoas que não tem opinião sobre assuntos relacionados ao futebol (DAMATTA, 1982).

Destarte, é importante ressaltar o valor atribuído a este esporte a partir da modernidade, como explicitado por Elias e Dunning (1992), cujo processo de identificação torna-se um pilar decisivo para seus espectadores. O futebol, portanto, se configura como uma importante fonte de gratificação e de atribuição de significado à vida de muitos torcedores. Tal conceito pode ser evidenciado a partir do relato de Alex:

“Então, aquela coisa de pertencimento de grupo, você ter uma torcida, você fazer parte de um grupo ali e que é um grupo bem representado no mundo inteiro, né? Famoso, assim, e tem um nome muito forte, a nossa torcida em específico. Então fazer parte disso é uma coisa gratificante e que envolve, a gente sente muito prazer em estar ali e fazendo tudo que tem que fazer.” (Alex, 26 anos, Império Aliverde)

As identificações produzidas geram um sentimento de **pertencimento** e são denominadas por Toledo (1996) como um “estilo de vida clubístico”, que se mantém, então, a partir das relações entre torcedores e da manutenção de ritos e símbolos atribuídos aos clubes, capazes de dar corpo a um processo de identificação que atravessa gerações (HOLLANDA et al., 2014), como explicitado por Sicupira:

“A gente costuma dizer, as pessoas que estão há mais tempo na torcida, que às vezes você sai da torcida, mas a torcida nunca vai sair de você. Nunca, ela nunca vai sair de você. Você vai ter sempre aquele sentimento, que você gosta. E com 16 eu já era adolescente, estava na rua a todo momento, já usava roupa todos os dias de torcida. E vivia e respirava isso.” (Sicupira, 38 anos, Fanáticos).

Somado a isso, Cavalcanti et al. (2013), ressaltam que, para muitos integrantes de torcidas organizadas, o clube de preferência e a própria torcida, configuram-se como o motivo da própria existência dos integrantes. O exposto é claramente observado nos relatos de Cleber, Reinaldo e Dirceu:

“E na minha vida, assim, é algo que sempre fez parte desde criança, de uma forma indireta, porque eu sempre estava no estádio, não era integrante, mas estava junto, estava do lado, estava admirando, estava curtindo ali o que estava acontecendo. E depois, integrante, mais ainda, isso se tornou parte da minha vida.” (Cleber, 25 anos, Império Aliverde)

“Cara, pra mim é maior expressão assim, de sentimento assim, de paixão e de amor que eu tenho pelo Coritiba. Então, na Império eu vi ali, o maior meio né, de eu expressar esse sentimento, né. Então, eu gosto tanto, eu gosto muito, eu quero estar ali. Eu sou igual aquelas pessoas. Não me vejo longe do estádio. Às vezes eu penso “pô, será que daqui a algum tempo eu ainda vou estar lá?”. Se minha vida me permitir, sim, entendeu? Não me vejo longe, quero poder frequentar lá até quando eu aguentar, até eu morrer.” (Reinaldo, 33 anos, Império Aliverde)

“Porque assim, com 11 ou 12 anos eu conheci tudo que eu sigo até hoje – ideologia, torcida, música. Então, aquilo foi aquele bum e eu sigo aquela ideologia tanto do clube como da torcida, as amizades. Eu tenho tatuagens da torcida e tal.” (Dirceu, 30 anos, Império Aliverde)

Elias e Dunning (1992) falam sobre como o esporte, no contexto aqui pesquisado especificamente o futebol, transformou-se em uma importante fonte de identificação coletiva e de sentido na vida para os seus praticantes. Um fato curioso para se observar, é como os torcedores organizados apreciam apresentar essa identificação para os outros, através das vestimentas (camisa, agasalho etc.) e tatuagens, por exemplo, o que demonstra o orgulho que sentem de fazer parte destas agremiações e o fato de quererem ser reconhecidos por isso.

Assim como os torcedores organizados levam os seus símbolos para além do horário da partida, a vivência que engloba o universo futebolístico se estende para além

de dias de jogos e do espaço das arenas e estádios. As confraternizações dentro das torcidas propiciam novas formas de se relacionar e interações sociais que transcendem este universo, como é percebido nos relatos de Alex, Sicupira, Cleber e Saulo:

“[...] além das atividades ali, indo para o jogo, você tem a relação com os amigos, com as pessoas de dentro, né? Então você acaba saindo para outros lugares com as pessoas da própria torcida. Então é como se fosse um relacionamento.” (Alex, 26 anos, Império Alverde)

“Nesse período muito grande de tempo você faz amigos, amigos torcedores e amigos também. Então teve pessoas lá dentro, ainda existem, do meu ciclo de amizade pessoal, que vão na minha casa, que a gente passa réveillon junto, que a gente faz churrasco diariamente, semanalmente, mensalmente.” (Sicupira, 38 anos, Fanáticos)

“A maioria dos meus melhores amigos, do pessoal que está no meu... como eu posso dizer, no meu círculo mais forte de amizade, são da torcida.” (Cleber, 25 anos, Império Alverde)

“Eu conheci minha esposa dentro do estádio. Então, você acaba levando bastante assim pra amizade pessoal fora arquibancada, sabe?” (Saulo, 37 anos, Fúria Independente)

As vivências relatadas corroboram percepções de Toledo (1996) e Damatta (1982), que salientam o valor do pertencimento nestes espaços e seu caráter socializador, capaz de propiciar a transmissão de valores e ideologias de determinado grupo, sendo, portanto, compartilhados entre os pares que frequentam estes espaços. É percebido também, a partir dos relatos dos participantes, que tal envolvimento com as torcidas atravessa a rotina cotidiana, uma vez que afirmam dedicar parte considerável de seu tempo em atividades relacionadas às TOs:

“Na época de jogos a gente tinha os ensaios semanais, que era todo sábado ali, de aproximadamente duas horas por sábado. Sei lá, acho que assim, de dedicação mesmo, uma média de um dia por semana, vamos dizer assim.” (Cleber, 25 anos, Império Alverde)

“Então num cenário normal de futebol, sem pandemia, toda semana a gente tá pensando na torcida, eu na função de diretor e tem dia que eu saio de casa 10 horas da manhã e volto meia noite [...] Todo sábado tem o ensaio da bateria [...] geralmente das 14 horas, às 18 horas [...] tem final de semana que eu acabo me ocupando os dois dias, sábado e domingo, isso quando não tem caravana.” (Reinaldo, 33 anos, Império Alverde)

“Agora em pandemia [...] principalmente porque como sou diretor de eventos, a gente não tem como fazer eventos agora na organizada. Mas, na semana, acredito que em torno, hoje, de umas 6 a 7 horas por semana, hoje né. Quando tá normal, sem a pandemia, quando estava normal, dava de uns 4 a 5 dias da semana”. (Saulo, 37 anos, Fúria Independente)

Mas o que leva esses torcedores organizados a dedicar uma parte tão grande da vida ao futebol? Silva et al. (2010) e Elias e Dunning (1992) nos ajudam a responder quando falam, respectivamente, da paixão clubística e da experiência de prazer e excitação provenientes dos jogos. Desenvolve-se, então, um estilo de vida que comporta uma gama de símbolos e rituais expressados pelos torcedores, que produzem uma espécie de encantamento nos torcedores, logo que começam a frequentar estádios, ainda que não estejam filiados efetivamente a uma TO. Os comentários a seguir trazem como ponto comum esse deslumbramento ao entrar no estádio e ver a torcida organizada pela primeira vez:

“[...] desde a primeira vez que eu entrei no estádio, eu já fiquei fascinado com a bateria e tal. Então foi uma coisa que sempre me chamou atenção, não só a bateria, mas o pessoal cantando, as faixas, as bandeiras, tudo mais. Isso é uma coisa que dá vida ao estádio, né? Então, chama a atenção de todo mundo. E assim, eu entrei na torcida por livre e espontânea vontade, mas eu conheci ela indo ao estádio e tudo mais.” (Cleber, 25 anos, Império Alviverde)

“[...] eu ficava fascinado ali pela torcida.” (Reinaldo, 33 anos, Império Alviverde)
“Automaticamente você vai no jogo, começa a simpatizar ali com aquela torcida e aí começa fazer amizades e tal e uma coisa leva a outra.” (Dirceu, 43 anos, Império Alviverde)

A fascinação pela torcida organizada pode ser explicada pelo fato que o torcedor organizado passa de ser um mero espectador para fazer parte do grande espetáculo que é o futebol (PIMENTA, 2000). Cleber cita em seu comentário que desde a primeira vez que foi ao estádio ficou fascinado pela torcida (a bateria, músicas, faixas) pois é isso que dá vida ao estádio. Sendo assim, entende-se que o grupo de torcedores organizados divide, com os times de futebol, o protagonismo de uma partida de futebol.

Desde seu surgimento, a torcida organizada tem o amor pelo time como uma de suas principais características e a demonstração deste amor é feita através das festas nos estádios. Souza (2020) descreve que desde o surgimento das primeiras torcidas o objetivo destas era fazer uma festa “carnavalesca” dentro do estádio em dia de jogo. O tempo passou e as gerações de torcidas ficaram marcadas por diferentes fases, conforme apresentamos anteriormente. Porém a festa nos estádios, que chama muito a atenção dos outros torcedores (não organizados) e da mídia, passou de geração para geração e perdura até os dias de hoje. Apesar de sempre estar presente, a espetacularização do futebol é marcada principalmente pela terceira geração de torcedores organizados, na década de 1990. Assim, “Todas as dinâmicas empreendidas têm por objetivo ‘chamar a atenção’ e ‘virar notícia’, conquistar visibilidade dos outros atores do ‘futebol espetáculo’, dentro e fora dos estádios” (SOUZA, 2020, p. 208).

O espetáculo observado nos estádios, e protagonizado também pelos torcedores, demonstra um peso considerável que influencia os torcedores a se filiarem a uma torcida. A partir dos comentários feitos por Alex e Sicupira, fica ilustrado o fato de que os torcedores costumam frequentar a torcida organizada (sede da TO, ficar no mesmo local na arquibancada) antes mesmo de filiar-se oficialmente a esta:

“Então, eu me associei não exatamente quando eu comecei a frequentar a torcida. Eu comecei a frequentar a torcida em torno de... ali, meados de... final de 2008 para 2009. E eu vou me associar, eu lembro, ali em 2011, por aí, sabe. Mas eu já fazia parte da torcida há muito tempo antes. Então é bem difícil você saber certinho ali o dia que você iniciou, que você entrou, né. É como eu falei, é como se fosse um relacionamento, você vai entrando, vai buscando.” (Alex, 26 anos, Império Alvirverde)

“Mas naquela época (1995) a torcida do Athletico era muito inflamada, então era difícil você chegar no estádio e você não se encantar com tudo que você via ali, né, que eram os cânticos, a euforia. Mesmo em, às vezes, menor número, fazia muito mais barulho do que qualquer outra torcida. Então eu acabei me encantando naquele momento ali, que foi em 1997. De lá para cá eu comecei a ir na sede da torcida, comecei a usar materiais da própria torcida e me filiei em 1998. Minha primeira filiação foi em 1998.” (Sicupira, 38 anos, Fanáticos)

Filiar-se oficialmente a uma torcida organizada é assumir que pertence a um grupo, e esse pertencimento vai sendo construído antes mesmo do ato oficial de filiação. Sicupira diz que a partir do momento em que se engajou com a torcida, passou a usar os materiais desta (camisas, bonés, uniforme da organizada etc.) e passou também a frequentar a sede da torcida organizada, só anos depois foi que formalizou esse vínculo. O processo de filiação (foram ou informal) marca o momento em que o sujeito, além de ser torcedor do time, passa a ser um torcedor da organizada.

A pluralidade de brasileiros que são apaixonados por futebol e que tem este como referência, são explanadas por Murad (2013), que fala, também, sobre a força que esse símbolo tem na nossa cultura, assim sendo, o futebol atravessa fronteiras como classe social, escolaridade, religião etc. Partindo deste viés, dentro de uma torcida organizada é possível encontrar diferentes tipos de torcedores. Há aqueles que apenas frequentam a torcida em dia de jogo, aqueles que frequentam a sede da torcida organizada, aqueles que assumem um cargo dentro da torcida etc. Aqui, foram selecionados os trechos em que os entrevistados falam sobre as diferenças entre os torcedores:

“Daí comecei a ingressar mesmo a torcida, fiquei uns 2, 3 anos frequentando como integrante normal, assim digamos, não da bateria, não entrei já pra bateria.” (Reinaldo, 33 anos, Império Alvirverde)

“E a grande diferença do integrante de torcida organizada pra um diretor, digamos assim, no meu papel, é a questão do compromisso mesmo, é a questão do

compromisso, do tempo, porque quando eu era apenas um integrante da torcida organizada, eu não tinha esse compromisso que eu tenho hoje frente a torcida com nome no estatuto da torcida.” (Reinaldo, 33 anos, Império Alviverde)

“Existem, digamos assim, departamentos dentro de uma torcida. Existem funções ali, né? Existe a bateria, existe o material, que é o departamento que cuida das bandeiras, de toda a festa dentro do estádio; existem as pessoas que só vão ali para a sede para tomar uma cerveja e ficar por ali, o cara pode fazer parte da torcida assim como os outros também.” (Alex, 26 anos, Império Alviverde)

Destaca-se nas falas a diferença entre aqueles que têm um cargo na torcida para aqueles que não tem, já que os primeiros apresentam um comprometimento para com a torcida organizada, principalmente em assumir o compromisso de realizar as funções exigidas por cada um dos cargos, o que exige responsabilidade e os diferencia dos torcedores que participam apenas das socializações. Sendo assim, não existe uma obrigação de assumir uma função específica dentro da torcida organizada, porém, para aqueles que desejam assumir alguma tarefa, o comprometimento é indispensável e passam a ser mais bem avaliados por seus pares.

A partir desse entendimento, foi questionado, então, aos participantes quais tarefas estes desempenhavam em suas torcidas. Alex, Cleber e Saulo afirmaram ocupar cargos específicos dentro das TOs:

“Atualmente eu faço parte da diretoria da bateria, que toda torcida organizada tem um estilo de bateria ou os instrumentos que são tocados dentro do estádio e eu também sou responsável pela parte de comunicação da torcida, redes sociais, gerenciamento de conteúdo, do site também, e-commerce, enfim, toda parte relacionada a comunicação eu também sou responsável.” (Alex, 26 anos, Império Alviverde)

“Eu sou integrante da bateria. Toco bateria, toco caixa, o instrumento de caixa e surdo. Mas a minha função é essa, sou ritmista da bateria.” (Cleber, 25 anos, Império Alviverde)

“Ontem a gente chegou às 8 horas da manhã na sede da torcida, porque o jogo era às 15h20, e por conta da pandemia a gente tem que estar fora do estádio, a gente pra colocar os materiais né, faixas, bandeiras, que a gente colocou no estádio mesmo o jogo não tendo público.” (Saulo, 37 anos, Fúria Independente)

Entre os nossos entrevistados, também houve aquele torcedor sem uma tarefa específica:

“Então não tem uma função específica e eu também nunca quis me responsabilizar com tudo que a torcida organizada faz e tal.” (Sicupira, 38 anos, Fanáticos)

Essa especificidade de organização de tarefas só veio a acontecer após a segunda geração das TOs, quebrando o padrão da anterior, que estava associada à informalidade e improvisado. Na segunda geração é possível observar um modelo de administração

semelhante ao de empresas, com cargos e tarefas bem definidas. Além disso, os jovens que antes eram atraídos pela festa da torcida, começam a ter expectativas quanto à possibilidade de constituir uma colaboração entre si dentro dessas TOs de modelo burocratizado (SOUZA, 2020).

Pensando nesse viés, é possível estabelecer que Sicupira está relacionado à característica da primeira geração quanto a sua informalidade. Ele não está ligado a nenhuma função, e nem gostaria de estar. Diferente do que acontece com Alex, Cleber e Saulo, que têm funções específicas e responsabilidade frente a suas determinadas torcidas.

Como exposto por Reinaldo anteriormente, a maior diferença entre aqueles integrantes que têm uma função e aqueles que não têm, gira em torno da responsabilidade e tempo gasto quanto ao seu encargo dentro da torcida. Um diretor, como o Reinaldo, vai ter mais responsabilidades do que o Sicupira, o qual não está ligado a nenhuma tarefa. Entre aqueles que desempenham tarefas específicas, existe a possibilidade de remuneração pelos serviços prestados, ainda que isso não seja comum. Entre os nossos entrevistados, Alex recebe um salário da Império Alviverde:

“[...] eu tenho um trabalho também fixo com a torcida. Eu sou assalariado por essa questão da parte de comunicação. A maioria dos diretores da torcida não recebe salários, tudo que é feito lá são atividades sem fins lucrativos e tudo, como a gente diz, por amor. Então, os únicos assalariados lá são o presidente, o vice-presidente e eu, que presto esse serviço, porque se não fosse eu seria outro profissional da área da comunicação.” (Alex, 26 anos, Império Alviverde)

O entrevistado Alex enfatiza que nem todos os integrantes que exercem uma função dentro da TO recebem salário, e ainda ressalta que as atividades são feitas por amor à torcida. Essa afirmação é bem semelhante aos argumentos que aparecem no trabalho de Hansen (2007) diante da compreensão de que a função de um integrante, naquele caso um vendedor da boutique, é ajudar a torcida. Nesse sentido, nada adianta vestir um símbolo da torcida (camiseta, por exemplo), e não ser prestativo para com a agremiação (HANSEN, 2007). Portanto, mesmo ao exercer uma função remunerada, o significado maior por trás dessa prática é ajudar a torcida organizada e não o retorno financeiro.

Partindo, então, do pressuposto de que existem cargos específicos a serem desempenhados, e, eventualmente, cargos remunerados, explanamos a seguir as hierarquias dentro da organização de uma torcida, que estão presentes em todas as torcidas das quais tivemos contato:

“A torcida é dividida por diretoria e vários departamentos. Cada departamento tem o seu diretor ou os seus diretores, dependendo quando o diretor tem muitas tarefas e tudo mais, ele divide essa função com outra pessoa. Por exemplo, digo pela bateria, que é o departamento que eu faço parte, são três diretores.” (Cleber, 25 anos, Império Alviverde)

“Eles têm presidente, vice, secretário, chefe de torcida, chefe do material, pessoal da imprensa, pessoal que vai digitar os textos. É uma equipe razoavelmente grande.” (Dirceu, 43 anos, Império Alverde)

“Hoje temos o presidente e o vice, e a partir desse ano, começo desse ano, a gente mudou um pouco a hierarquia. A gente dividiu por departamentos, né. Hoje a gente tem o diretor de material, que é quem cuida das bandeiras, das faixas, de toda parte estética do estádio. [...] quando vamos fazer as festas nos estádios. Então temos um diretor de marketing que cuida das mídias sociais. Temos diretor, que na verdade são 2 diretoras, de ações sociais. [...] Todas elas respondem ao presidente, é claro, mas cada uma com as suas responsabilidades.” (Saulo, 37 anos, Fúria Independente)

A divisão de hierarquia que apareceu durante as entrevistas coincide com o modelo da segunda geração das TOs, que leva em conta um modelo mais empresarial da torcida. Então, se estabelecem papéis dirigentes como: presidente, vice-presidente, diretores, tesoureiro e associados e componentes (SOUZA, 2020). Durante a entrevista, o cargo que mais apareceu foi o de diretor, sendo a função de 4 dos 6 entrevistados. Os diretores são escolhidos pelo presidente, sendo responsáveis por cuidar de um setor específico como os materiais (como faixas, instrumentos, bandeiras, camisetas) ou a bateria (SOUZA, 2020).

Além da equipe dirigente, ainda existe outra divisão, os chamados comandos:

“O conselho da torcida é um grupo de pessoas que são responsáveis por alguns departamentos ali e por algumas regiões também, que a gente chama de comandos. Os comandos dentro da torcida, que são grupos de cada região. Então os líderes desses comandos fazem parte do conselho. E acima do conselho tem a diretoria, né?” (Alex, 26 anos, Império Alverde)

“Tem essas subdivisões dentro da torcida organizada. É separado por zonas. Aqui em Curitiba na nossa torcida é Zona Oeste, Zona Leste, Zona Norte, Zona Sul. [...] todas as regiões têm algumas lideranças, que reúnem esses torcedores e levam pra torcida, onde é feito algumas campanhas para arrecadar alimento em algumas ocasiões, para angariar sócios também, pra poder manter a instituição, né.” (Sicupira, 38 anos, Fanáticos)

De acordo com Hansen (2007), os comandos são grupos de torcedores organizados geograficamente pela região da cidade, e surgem principalmente em função de se ordenarem e percorrerem o trajeto do bairro até a sede (e vice-versa). A constituição desses comandos é importante para organizar grupos dentro da torcida, mas só ocorre com o aval dos dirigentes da torcida e mediante estabelecimento de um bom diálogo entre ambas as partes (HANSEN, 2007). Portanto, por mais que haja outras divisões com líderes, eles devem obedecer às autoridades de nível superior dentro da TO, como presidente e diretores.

Com o surgimento das torcidas em 1940, na época chamadas de torcidas uniformizadas, as TOs tinham como figura de autoridade uma pessoa ligada ao clube e que tinha o encargo de garantir a disciplina dos seus membros. Deste modo, se hoje em dia essa figura de autoridade está nas figuras de presidente e vice-presidente específicos da torcida organizada, no passado não existia uma escolha democrática e nem responsabilidades administrativas por parte dessa autoridade envolvida com o clube (CAVALCANTI et al., 2013).

Com a mudança de sistema das torcidas pelo modelo burocratizado da segunda geração das TOs, foi possível estabelecer não somente um modelo democrático na escolha de um líder da torcida, como também possibilitou a divisão de trabalhos dentro da torcida, o que permitiu que elas se tornassem autossuficiente em relação ao clube, seja pelas vendas de produtos próprios ou pela cobrança da mensalidade (SOUZA, 2020). Assim, os entrevistados fazem questão de afirmar essa independência da TO:

“A nossa torcida não tem vínculo nenhum com o clube nas questões financeiras e tudo mais. A torcida é uma torcida independente e ela sobrevive da venda dos materiais e da mensalidade dos sócios.” (Alex, 26 anos, Império Alverde)

“São totalmente independentes, né? As duas entidades, o clube do futebol e a torcida organizada. Cada um no seu quadrado” (Cleber, 25 anos, Império Alverde).

Nos primórdios da TOs não havia um modelo democrático dentro das torcidas, portanto o diálogo entre clube/torcida organizada não era nem uma possibilidade. Com a mudança de dependência para independência do clube, abriu-se a possibilidade de cobrar os dirigentes futebolísticos quanto ao desempenho do time, como expõe o entrevistado Reinaldo:

“Com a diretoria passada, e com as diretorias passadas, sempre que possível e necessário a gente se reunia né, no clube junto com outras torcidas organizadas, ou não, às vezes era própria iniciativa nossa mesmo, para reivindicar alguma coisa, nada relacionada a dinheiro, nunca! Mas sempre relacionada ao desempenho do time, as finanças do clube, enfim, porque a gente tem, o nosso principal papel ali é torcer na arquibancada, mas a gente também tem essa responsabilidade de fiscalizar, né.” (Reinaldo, 33 anos, Império Alverde)

Além disso, abriu-se a possibilidade da torcida poder se organizar para além do período do jogo para realizar espetáculos na arquibancada (CAVALCANTI et al., 2013):

“O diálogo, então, com a diretoria é sempre quando a gente precisa fazer alguma coisa dentro do estádio ou em dia de jogo, questões mais para se organizar e tudo mais, quando a gente precisa fazer uma conversa com os jogadores ou com representantes do time ou com a própria diretoria, a gente pede pra eles, a gente faz essa solicitação e marcamos uma reunião e tudo mais.” (Alex, 26 anos, Império Alverde)

Porém, mesmo com a independência ainda existem certas proibições das diretorias dos clubes perante as TOs. Por exemplo, em relação à torcida Fanáticos, certas proibições começaram a acontecer após a entrega da obra do novo estádio do time e a TO não poderia mais entrar com faixas, para não concorrer com as faixas dos patrocínios, e bandeiras, por causa do seu mastro, visto como risco de ser usado como arma (HANSEN, 2007). Sicupira fala um pouco mais sobre essas proibições:

“Hoje no Athletico existe uma dificuldade com a diretoria do clube em relação a entrar com todo tipo de material, então eles não deixam entrar com tudo que você quer. Eles delimitam algumas faixas, algumas bandeiras. Qualquer coisa que traga apologia a arma, droga ou a qualquer outra coisa desse sentido é proibido também.”
(Sicupira, 38 anos, Fanáticos)

Desse modo, a relação de independência das TOs quanto ao clube facilita o diálogo entre a torcida e a equipe dirigente do clube, no entanto não garante que a torcida possa desenvolver as suas ações no estádio como bem entenderem. Assim, a relação entre o torcedor organizado e os dirigentes do clube precisa ser construída ação por ação, o que é facilitado quando as linhas de diálogo estão abertas.

Se pudermos recuperar de maneira sintética a trajetória das interações sociais do torcedor organizado de futebol, percebemos que estas iniciam fora do espaço da torcida, com homens mais velhos, pais, familiares ou amigos, que incentivaram esses meninos e jovens e a se envolverem com futebol, seja como prática esportiva, seja pela ação de torcer, tendo em vista a identidade nacional associada a esse esporte, bem como, a caracterização como uma representação de masculinidade bem avaliada socialmente. Quando entram oficialmente nesses espaços, que permanecem majoritariamente masculinos, as interações se dão com os outros torcedores organizados, com os torcedores não organizados, com a equipe dirigente da TO e com a equipe dirigente do clube. Nessas relações ocorre um sentimento de pertencimento e de fazer parte de algo maior, o que traz uma satisfação subjetiva, e faz com que esses homens permaneçam por muito tempo na torcida organizada, como Dirceu que já está filiado a Império Alverde há 30 anos, mostrando a longevidade dessas interações sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O material coletado nas entrevistas endossa o exposto por Damatta (1982) de que o futebol faz parte da identidade brasileira. Somado a isso, ressaltamos a importância em nos debruçarmos neste tema, a partir de sua contribuição na subjetivação de brasileiros, uma vez que desde muito jovens, meninos têm seu primeiro contato com as torcidas, que passam a ocupar uma considerável parcela de tempo e dedicação na vida dos torcedores.

O que engaja esses jovens e homens nas Torcidas Organizadas num primeiro momento é o encantamento produzido, o espetáculo que a arquibancada se torna durante uma partida de futebol. Eles querem fazer parte da festa, da bateria, se juntar ao canto, ostentar os elementos visuais, aproximar-se de todos os aspectos que compõem o cenário simbólico e ritualístico do futebol, afinal, desde muito pequenos, eles são ensinados que o esporte é um lugar para os meninos estarem e se destacarem.

Depois do encantamento, eles permanecem pelo sentimento de pertencimento que surge: fazer parte de um grupo, vestir uma camisa, caminhar juntos para o estádio, se reconhecer no ponto de ônibus. A torcida organizada passa a ser algo importante para a sua identidade pessoal e eles desejam retribuir passando a filiar-se efetivamente na agremiação (e pagar a mensalidade), bem como, assumindo tarefas a serem desenvolvidas com seus pares como tocar na bateria ou se responsabilizar pelas bandeiras nos dias de jogo.

A Torcida Organizada extravasa então o ambiente do estádio ou da sede e vai em direção às relações sociais e a rotina. As relações que podem começar a partir das hierarquias (dirigente-torcedor) não se restringem a elas, transformando-se em relações afetivas, configurando-se como um ambiente favorável para criar laços de amizade – como no caso dos torcedores que se juntaram para montar uma banda musical – ou mesmo de relações conjugais, como o entrevistado que contou ter conhecido sua esposa nesse ambiente. A TO também já não fica restrita ao horário das partidas, pois as funções assumidas demandam muito mais tempo que noventa minutos, e cada torcedor organizado reserva várias horas semanais de dedicação, tanto para as atividades oficiais, como para encontros e confraternizações. Esses elementos nos permitem perceber como a Torcida Organizada se torna um ambiente privilegiado para a socialização masculina.

Os achados desta pesquisa não se propõe esgotar o tema, mas dar início a uma série de investigações que têm como pressuposto a influência do futebol na sociedade

brasileira, dando ênfase para a população masculina, visto que esta é mais presente neste fenômeno cultural. Partindo do exposto de que o futebol se expressa como uma representação reduzida da sociedade brasileira (DAMATTA, 1982), considera-se fundamental que investiguemos como a sociedade é representada neste universo, e como sua influência atravessa a subjetividade dos brasileiros.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C. C.; HOLANDA, A. F. Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 259-268, jun. 2010.
- BRASIL. Lei n. 10.671, de 15 de maio de 2003. Dispõe sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 16 maio 2003. Disponível em: <<http://www.presidencia.gov.br>>. Acesso em: 1 maio 2020.
- CAVALCANTI, E. A.; SOUZA, J. de; CAPRARO, A. M. O fenômeno das torcidas organizadas de futebol no Brasil: elementos teóricos e bibliográficos. **The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport (ALESDE)**, v. 3, n. 1, p. 39-51, fev. 2013. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/alesde/article/view/29671>>. Acesso em: 18 jun. 2021.
- CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, abr. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000100014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 maio 2020.
- DAMATTA, R. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- ELIAS, N.; DUNNING, E.; SILVA, M. M. A. **A busca da excitação**. Lisboa: Difusão Editorial, 1992.
- GASTALDO, E. O complô da torcida: futebol e performances masculinas em bares. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 11, n. 24, p. 107-123, dez. 2005.
- GASTALDO, É. L. Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo. **Caderno IHU Ideias**, São Leopoldo, v. 1, n. 10, p. 1-28, nov. 2003. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/010cadernosihuideias.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2021.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.
- GIORGI, A.; SOUSA, D. **Método fenomenológico de investigação em Psicologia**. Lisboa: Fim de Século, 2010.
- HANSEN, V. **Torcida organizada os fanáticos: relacionamentos e sociabilidade**. 2007. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/dissertacao/HANSEN_Viviane.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2021.
- HOLLANDA, B. B.; AZEVEDO, A. L.; QUEIROZ, A. L. Das torcidas jovens às embaixadas de torcedores: uma análise das novas dinâmicas associativas de torcer no futebol brasileiro. **Recorde: Revista de História do Esporte**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 1-37, jan. 2014.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Grupo Autêntica, 2018. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788551301692>>. Acesso em: 27 jun. 2021.

MINAYO, M. C. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa. In: MINAYO, M. C. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 9-29.

MURAD, M. Práticas de violência e mortes de torcedores no futebol brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n. 99, p. 139-152, set. 2013.

PIMENTA, C. A. M. Violência entre torcidas organizadas de futebol. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 122-128, jun. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000200015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 maio 2020.

SILVA, S. R. da et al. As torcidas organizadas de Minas Gerais: relações, organização e manifestações. **Licere**, Belo Horizonte, v. 13, n. 4, p. 1-24, dez. 2010.

SOUZA, E. A. P. de. As gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil. **CSONline**: Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 31, p. 192-218, jun. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/30164>>. Acesso em: 18 jun. 2021.

TOLEDO, L. H. Por que xingam os torcedores de futebol? **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 20-29, 1993.

TOLEDO, L. H. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados; FAPESP, 1996.